

Raízes Africanas do Sertanejo ligam o Congo ao S. Francisco

ABDIAS MOURA



Pesquisando as civilizações primitivas, busca-se reconstituir o comportamento dos africanos, antes da chegada do homem branco. Eles formavam uma sociedade convencional e se mostravam cidadãos responsáveis, pais estremosos e artistas hábeis, que faziam da guerra um ritual religioso, uma espécie de jogo — conforme ilustrou Robert Gardner para a revista "Paris Match" a 18 de abril de 1964

Orgão independente e noticiosa
Domingo, 13 de maio de 1979



A destruição dos aglomerados de negros que não aceitavam a escravidão mereceu, no Brasil Colônia, o mesmo prêmio que o extermínio dos índios que não se deixaram catequizar.

Por sua vitória final contra os escravos fugidos para a região de Palmares, em 1694, Domingos Jorge Velho e seus oficiais receberam centenas de milhares de quilômetros quadrados de terra. Isso correspondia a trechos de sete Estados atuais, sendo a área total maior do que a de Alagoas, ou quase metade de Pernambuco.

Entre 1671 e 1674, os pan-Éstas vitoriosos teriam implantado 50 estâncias de criação, na margem pernambucana do São Francisco. O gado e os escravos utilizados foram, segundo Tauxem, os que haviam sido confiscados dos jesuítas pelo rei de Portugal.

GUERRA DOS 70 ANOS

O Quilombo de Palmares expandia-se por umas 60 léguas. Com seu centro no atual Estado de Alagoas, atingia Pernambuco através do atual município de Canhotinho e se espraiava até Gerambum, abrigando em certa época quase 20.000 habitantes.

Palmares durou 67 anos. Antes de submeter seus moradores — à frente o legendário Zumbi — Domingos Jorge Velho já havia contra eles investido com cem homens brancos e 1.300 índios, sem grande êxito. Para a campanha final, foi buscar reforços em São Paulo, reunindo desta vez 2.000 combatentes.

Antes, em anos sucessivos, os defensores da "Tróia Negra" haviam posto a correr várias expedições guerreiras, tanto chefiadas por holandeses quanto por portugueses. Entre os chefes mais importantes, do lado dos escravos, ficaram os nomes dos irmãos Ganga Zumba e Ganga Zona, filhos do Aquitane, uma mulher que as lendas romantizam sobre o período da escravidão pintam como bela, enérgica e nobre.

EM BUSCA DAS RAIZES

Há sete anos, um pesquisador social lançou no Brasil sua análise sobre as raízes culturais do homem do São Francisco (Donald Pierson — "Raízes no Passado", em "O Homem no Vale...", 1972). Antes dele, Sér-

gio Buarque de Holanda publicara "Raízes do Brasil", livro importante para compreensão do país.

Agora, que pela força da televisão está todo mundo interessado nas raízes negras do homem americano, talvez seja importante relatar a ida até Portugal de quatro africanos da costa atlântica, no longínquo ano 1482. Dois anos antes, o navegador Diogo Cão descobria o estuário do rio Zaire (atual Congo), ali deixando um marco de pedra para confirmar a conquista, em nome de D. João II. Somente dez anos depois é que Cristóvão Colombo viria descobrir a América.

AFRICANOS NA EUROPA

Quando retornava de sua segunda visita — conta o historiador Damão Peres — levou Diogo Cão para bordo quatro nativos, escolhidos entre os muitos que diariamente visitavam os navios. Para garantir que os trazia de volta, deixou ali quatro portugueses.

Mostrando-se bastante inteligentes, os quatro africanos aprenderam durante a viagem algumas frases em português, tanto que, apresentados ao rei, Dom João II achou que eles deveriam receber uma educação completa: gramática, catecismo e moral cristã, como era costume na época. E foram também habituados a residir numa habitação europeia, vestir roupas lisboetas e se comportarem como as pessoas que frequentavam a Corte.

Em 1485, Diogo Cão voltou à África, conduzindo os quatro africanos "aculturados" e, ao retornar, trouxe consigo os patriotas que ali deixara.

ESCRAVOS EM PORTUGAL

Não se passou meio século, e àquela mesma estuária começaram a chegar inúmeros navios negreiros, arribando escravos para Portugal e, depois, para o Novo Continente, inclusive o Brasil. Olhando-se o mapa da África, pode-se ver acima do estuário do rio Congo a cidade de Cabinda; e, um tanto mais abaixo, Luanda — nomes referidos com frequência pelos descendentes dos escravos, e fixados num dos mais belos maracatus de Capiba.

Assim é que, numa correspondência datada de 1535, procedente de Évora, diz-se que "os escravos pulsam por toda a parte. Todo o serviço é feito por

*Quem são estes desgraçados?
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos,
Hoje, míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão.*

*Lá nas arelas infundas
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas.
Viveram — moças gentis...
Para um dia o CARAVANA
Quando a virgem na caravana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choka do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte.
... Adeus, amores ...
(Castro Alves — 1870 — "O Navio Negreiro").
adeus.*

negros e mouros cativos. Portugal está a abarrotar com essa raça de gente. Estou quase a crer que só em Lisboa há mais escravos e escravas que portugueses livres de condição" (Wilson Martins, História da Inteligência Brasileira).

COMO CONQUISTAR AMIGOS

Há referências à escravidão na península ibérica (primeiro na Espanha, depois em Portugal), remontando pelo menos a 1442 (ou 1444). Mas, provavelmente, os escravos seriam originalmente da costa mediterrânea da África; mouros aprisionados em batalhas.

De qualquer forma, a "liberdade" do ei, à época de Diogo Cão, parece ter sido apenas uma maternidade: tal como fariam

depois os ingleses, os quatro negros tratados com fidalguia estavam sendo preparados para representar uma espécie de ponta-de-lança dos interesses portugueses em terras africanas. O que se pretendia é que viessem oportunamente a colaborar com o processo de colonização a ser desencadeado, funcionando na futura Colônia como defensores dos padrões culturais europeus, contra os interesses mais profundos do seu próprio povo.

No Brasil, com certeza, sabe-se da existência de escravos africanos a partir de 1549. Vieram para auxiliar a lavoura canieira. Mas, admite-se a presença de alguns deles em décadas anteriores, embora sendo de boa lógica que, antes de trazer escravos de tão longe, tratassem os colonizadores de utilizar primeiramente a mão-de-obra indígena, muito menos dispendiosa. E só apelassem para a importação dos africanos diante dos protestos dos padres jesuítas — que viam no natural da terra uma alma a conquistar para a doutrina cristã — ou ao constatarem que eles não se prestavam para o serviço da lavoura, além de facilmente poderem fugir para as matas a que estavam habituados.

ÍNDIOS E PRETOS

A área do sertão pernambucano do São Francisco foram poucos os negros levados pelos senhores das terras, mesmo porque a atividade principal ali era a pecuária, que ocupa pouca mão-de-obra. No entanto, muitos negros para lá se dirigiram, sobretudo depois da destruição de Palmares.

Já antes de quebrada a resistência do grande Quilombo, escravos fugidos se aproximaram dos índios perseguidos, ambos evitando o trabalho escravo no litoral, ou nos engenhos de açúcar da Mata pernambucana ou do Recôncavo baiano. E uma das primeiras expedições de grande vulto dirigidas à área, por volta de 1664, tinha exatamente por objetivo prender indígenas e "chambolas" (escravos fugidos).

Assim, as terras pernambucanas ao norte do São Francisco serviram igualmente aos escravos vencidos e aos brancos vencedores: para estes, com a formação de grandes latifúndios, prêmio generoso pelas vitórias; e para aqueles, como refúgio derradeiro, na luta continuada pela liberdade.

Polêmica de Darwin Sobre a Escravidão

DARWIN — Até o dia de hoje, sempre que ouço um grito distante, lembro-me vivamente do momento doloroso que senti quando passei por uma casa em Pernambuco. Ouvi os mais angustiosos gemidos, e não tinha dúvida nenhuma de que algum miserável escravo estava sendo torturado; entretanto, sentia-me tão impotente quanto uma criança, para até mesmo dar demonstrações.

ALFRED WALLACE — Os escravos que conheci (em engenho que visitei no Norte do Brasil) são tão felizes como crianças...

DARWIN — Vi um menino de sete anos levar (antes que eu pudesse intervir) duas chicotadas na cabeça descoberta, por me haver dado um copo de água que não se achava bem limpo.

ALFREDO WALLACE — ... Não têm preocupações nem necessidades, são tratados com solicitude na doença e na velhice.

DARWIN — Vi seu pai (do menino chicoteado) trazer ao mero olhar do senhor. Vi, no Rio de Janeiro, um negro robusto sentir medo de aparaçar uma bofetada, que julgava ia receber no rosto.

ALFRED WALLACE — Os filhos nunca são separados das mães, a não ser quando estão em condições de enfrentar a separação, depois de libertados, de acordo com as leis do país.

DARWIN — Estive presente quando um homem de bom coração esteve na iminência de separar para sempre os homens, mulheres e crianças de numerosas famílias que há anos viviam juntos.

REVERENDO WALTER COLTON — Os escravos no Brasil são geralmente tratados com bondade e humanidade pelos seus senhores.

DARWIN — Esses visitantes sempre dirigem perguntas aos escravos, sobre o trato que recebem; todavia esquecem-se de que somente um escravo muito idiota não receria que a resposta chegasse aos ouvidos do senhor.

R. CLEARCY — Geralmente, na parte meridional do Brasil, os escravos eram tratados com brandura e, quase sempre, tinham muito mais liberdade do que a que era compatível com serviços de grande eficiência, embora eu tenha conhecido casos de crueldade individual que me fizeram ferver o sangue de indignação.

DARWIN — No Rio de Janeiro, morei em frente de uma velha senhora que possuía parafusos para comprimir os dedos das suas escravas. Estive numa casa onde um jovem mulato sofria, diariamente e a cada hora, aviltamentos, castigos e perseguições suficientes para despedaçar o espírito mesmo do animal mais desgraçado. Nem mesmo farei alusão às muitas comovedoras barbaridades de que ouvi autenticamente falar.

IDA PFETTER — Eu estou quase convencida de que, de maneira geral, a sorte destes escravos é menos miserável do que a dos camponeses da Rússia, da Polônia ou do Egito, o que não chamamos de escravos.

DARWIN — Muitas vezes se tenta apresentar como paliativo à escravidão, a comparação entre o estado dos escravos e o dos camponeses mais pobres: se a miséria destes for causada, não pelas leis da natureza, mas pelas nossas instituições, grande será o nosso pecado; mas, que relação possa ter isso com a escravidão, sou incapaz de ver; dessa forma, com igual força de argumentação, poder-se-ia defender o emprego do parafuso compressor de dedos, sob a alegação de que em outras terras os homens são vítimas das mais terríveis enfermidades.

DR. RENDU — Em geral, os brasileiros não sobrecarregam seus escravos de trabalho.

DARWIN — Argumentam que o interesse pessoal evitará os excessos de crueldade; como se isso protegesse os nossos animais domésticos, que, muito menos que os escravos degradados, correm o risco de acender a ira dos selvagens que os dominam.

Nem teria mencionado os revoltantes detalhes acima, se não tivesse encontrado tantas pessoas que, cegas pela alegria constitucional do negro, falam da escravidão como de um mal tolerável. Tais pessoas frequentaram geralmente as casas das classes mais elevadas, onde os escravos domésticos recebem comumente bom tratamento; e nunca privaram, como eu, com as classes mais inferiores.

Estas crueldades presenciadas numa colônia de espanhóis, que, sempre se disse, tratam os escravos com mais benevolência do que os portugueses, ingleses ou outras nações européias.

REVERENDO CLARK — Sem dúvida, não precisamos de ir longe para encontrar, na Inglaterra livre, a exata contraparte da escravidão: o trabalho londrino e o pobre londrino de Manighe, Oliver Twist, de Dickens, Robin Hood e muitas outras revelações de um despotismo opressor e desumano, de que os escravocratas brasileiros nunca sequer se aproximaram.

DARWIN — Aqueles que encaram com benevolência o senhor de escravos, e que a estes mostram frieza de coração, nunca parecem colocar-se mentalmente na sua situação; que perspectiva desoladora, sem nem mesmo uma só esperança de modificação! Imagine-se a possibilidade, sempre suspensa sobre a cabeça da pessoa, de ver a esposa e os filhinhos — coisas que a natureza ordena que até os próprios escravos considerem como suas — arrancados da sua companhia e vendidos como bestas a quem fizer melhor oferta!

E esses atos são praticados e paliados por homens que professam amar ao próximo como a si mesmo, que dizem crer em Deus e oram para que sua vontade se faça sobre a terra!

FONTE DOS DIALOGOS: As falas de Charles Darwin constam do seu diário ("Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo"), dia 8 de agosto de 1838. As opiniões dos demais interlocutores são todas citadas por Gilberto Freyre ("Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX", edição do LUNPS — Recife, 1988).

“Saga Negra” terá fogos e tambores no Dia da Abolição

A data da Abolição da Escravatura no Brasil será comemorada hoje, no Largo da Igreja de Nossa Senhora da Saúde, no Poço da Panela. A festa, “Saga Negra. Homenagem aos Pretos Velhos”, terá início às 20h com fogos, flores e toques de tambores com cantos e danças.

“Saga Negra” é uma promoção da revista Integração Afro-Brasileira e contará com a presença do babalorixá Mário Viana e dos integrantes do terreiro de Moçambique e Oxum Cecy.

“13 de maio é o dia consagrado aos pretos velhos que — como escravos — vieram para o Brasil. Muitos deles eram Babalorixás e Ialorixás. Mantendo firme sua consciência e devoção, a obediência aos Santos Poderes — Orixás — é graças aos ensinamentos de manterem a consagração religiosa, hoje vem se elevando a bandeira do Orixalá” — explica o Babalorixá Mário Viana.

Segundo Mário Viana, existe a invocação de todos os Babalorixás e Ialorixás no pedido de poderes a todos os pretos velhos. “para continuarmos a nossa semente e darmos evolução espiritual dos nossos Cultos Afro-Brasileiros, tão fraternos e tão acolhedores, principalmente para aqueles que estavam mergulhados em dúvidas e nas impurezas do mundo”.